

Núcleo da Ação Pedagógica

Linguagens corporais
e sonoras



E por falar em corpo...

Ao longo dos séculos, fomos edificando – de forma não linear – por meio das nossas relações com o mundo natural e cultural, modos de ser e construir a nossa corporeidade, de nos relacionarmos com nós mesmos, com a nossa presença-movimento no espaço-tempo, assim como com a presença-movimento do(s) Outro(s). Quando falamos em corporeidade estamos nos referindo à totalidade do ser humano, o próprio termo revela a busca pela superação da suposta separação entre corpo e mente, tão enfatizada pela tradição grega e cartesiana (SÁ, 2002, p. 08). A ideia de corporeidade também nos ajuda a perceber que o corpo não existe isoladamente, as práticas culturais, sociais e todo o conhecimento produzido em torno do corpo e pelo corpo, dão contornos para os modos de ser, estar e se comunicar no mundo, constituindo a corporeidade.

Também podemos dizer que ao longo dos tempos fomos tecendo uma linguagem corporal com a qual, nas suas mais diversas manifestações – como a dança, o gesto, o caminhar, o olhar, a mímica entre outras -, expressamos significados, demonstramos emoções, idéias e sentimentos.

Nosso corpo, assim como o de cada criança, traz consigo e comunica não somente características e semelhanças físicas, biológicas. Ele carrega marcas, fala quem somos, o que experienciamos em relação a gênero, etnia, religião e sexualidade. É e revela nossa singularidade em relação ao outro, nossa identidade. Ele também pode informar se estamos dormindo bem, nos alimentando e exercitando de forma saudável, se estamos tristes ou alegres, tensos ou maravilhados. Do mesmo modo, a forma como cuidamos do nosso corpo ou do corpo do outro, como nos vestimos ou vestimos as crianças, desde os bebês, como arrumamos o cabelo, como damos banho, alimentamos e seguramos as crianças ao longo do dia na instituição, revelam tradições, comportamentos, concepções de higiene, relações de poder, afetos, entre outros. Todos estes

modos de ser e de lidar com o corpo (adulto e o das crianças) não são constituídos de modo isolado do mundo existente para além dos muros da instituição.

Atualmente, são veiculadas massivamente em diferentes espaços de comunicação imagens, músicas, danças e outros produtos da indústria cultural que enfatizam de modo exacerbado padrões de movimentos, desejos, necessidades e estética corporal associados, quase que imediatamente, a idéia de uma vida de poder, sucesso, prazer e felicidade. Nem mesmo as crianças escapam desse ataque! Ao contrário, elas representam uma grande “fatia” do mercado de consumo e são por ele fortemente influenciadas em como dançar e caminhar –desfilar –, o que comer e beber, como vestir-se, brincar e comportar-se. No entanto, devemos lembrar que as crianças não são agentes passivos diante dos anúncios e produtos a elas destinados. Elas também se apropriam e interpretam seus conteúdos – especialmente quando em pares – de forma a inverter a lógica do enunciado, ou mesmo colocam no mundo modos de brincar com a boneca ou com o carrinho impensáveis aos seus fabricantes, assim como rebatizam-os com nomes fantásticos. Esta forma de ser, “inCORPORar” - interpretar - agir no mundo de forma intencional e compartilhada das crianças, numa lógica diversa a dos adultos, é uma das formas delas produzirem culturas, culturas infantis! Porém, como professoras devemos estar sempre atentas às informações, gestos, movimentos, ritmos e conceitos que chegam por diversos meios às crianças, desde as bem pequenas, e mesmo àqueles que oferecemos diariamente a elas dentro da instituição. Neste sentido, cabe considerarmos que os nossos corpos (de adultos) e o das crianças devem ser “valorizados tendo como princípio o direito, a dignidade, a liberdade, o conhecimento, a sensibilidade e a vida em sua riqueza e totalidade” (LOPES, MENDES & FARIA, 2006, p. 12), assim como temos que trabalhar intencionalmente e *em todos os tempos e espaços que compõem o cotidiano da educação infantil*, as expressões, as características biológicas, físicas, psicológicas e culturais das crianças de forma indissociável.

As diferenças sexuais, físicas, étnicas, e sociais das crianças, dos profissionais que atuam na instituição e das famílias das crianças, devem ser consideradas e discutidas pelo coletivo de profissionais no sentido de elaborar encaminhamentos que respeitem os princípios contidos nas Diretrizes Curriculares Nacionais da

Educação Infantil (BRASIL, 2009a), tal como o “respeito à dignidade da pessoa humana e de compromisso com a promoção do bem de todos, contribuindo para combater e eliminar quaisquer manifestações de preconceito e discriminação.

Deve-se organizar de modo intencional o acolhimento e cuidado das crianças, desde os bebês, nos diversos momentos do cotidiano institucional: na hora da entrada, banho, alimentação, brincadeiras, propostas artísticas, quando as colocamos ou tiramos do berço, da rede, da cadeira de rodas, do vaso sanitário ou quando trocamos e\ou as auxiliamos a trocarem suas roupas e encaminhar junto às famílias que os sapatos, roupas e adereços que as crianças usam sejam confortáveis e adequados para cada estação do ano e que permitam que se movimentem com facilidade.

No âmbito das proposições, deve-se organizar espaços e tempos diversificados em que meninos e meninas possam experimentar, descobrir e criar movimentos amplos sozinhos ou coletivamente, assim como possibilitar que as crianças de todas as idades descubram e brinquem com suas auto-imagens refletidas em espelhos em diversos espaços da instituição.

O registro, a análise e a revisão os discursos de corpo e movimento que temos oferecido às crianças em nossas propostas pedagógicas, decorações, músicas, danças, brincadeiras e brinquedos instalados na área interna e externa da instituição deve ser uma prática constante no sentido de assegurarmos um planejamento fundamentado nas experiências das crianças e no seu direito a uma educação que amplie os seus conhecimentos, o que também exige discutir no coletivo da instituição e com as famílias os modos como meninos e meninas estão descobrindo a sensualidade do corpo e como estão construindo relações de gênero e sexualidade e buscando, quando necessário, uma intervenção ética e cuidadosa para com as crianças.

Todas essas indicações devem estar contempladas em nossas propostas pedagógicas, que devem promover sistematicamente uma educação para a sensibilidade corporal, para as trocas de afeto como: abraços, carinhos, massagens para e entre as crianças de diferentes grupos e faixas etárias.



Atenção! Crianças em movimento!

O movimento é uma importante dimensão do desenvolvimento humano e da cultura [...]. Ao movimentar-se, [...] as crianças expressam sentimentos, emoções e pensamentos, ampliando as possibilidades do uso significativo de gestos e posturas corporais. O movimento humano, portanto, é mais do que simples deslocamento do corpo no espaço: constitui-se em uma linguagem que permite às crianças agirem sobre o meio físico e atuarem sobre o ambiente humano, mobilizando as pessoas por meio de seu teor expressivo.

(MATTOS; NEIRA, 2003, p. 176)

Chora, balança, mexe, remexe, olha pra cá,
olha pra lá, experimenta com a boca e morde! Agora
vai, volta, corre e salta ... Opa, quase caiu! Entra na roda "tin dô lê lê"
e dança, dança com balangandãs, gira, gira e rodopia! Puxa e empurra, junta e solta, rola e rala o joelho de
nome Juvenal (ZIRALDO, 2001). Faz uma careta aqui, outra ali, embala a boneca e sussurra uma cantiga de
ninar. Encontra e logo perde, conserta e logo quebra. Empurra a cadeira de rodas, ergue a cabeça e sorri!
Senta, levanta e lá vai: toca no gelo, prende a lagartixa, assovia e bate palmas, repete, repete e repete.
Tateando e com ouvidos apurados descobre quem é: - "Já sei, é o Miguel"! Desenha, modela, pinta e borda,

cria castelos na areia, descobre as letras! Inventa versos e escreve no

verso.

Sente o cheiro de peixe e da farinha de mandioca, sente o vento beijando seu rosto, as ondas do mar lambendo suas pernas, o sol abraçando o seu corpo e adivinha só: a um só tempo (re)descobre a si mesmo, conhece e inventa o(um) mundo! Sim, as crianças estão, na maior parte do tempo, assim:

Quer se trate do corpo do outro ou de meu próprio corpo, não tenho outro meio de conhecer o corpo humano senão vivê-lo. (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 269)

em movimento! E desta forma, brincando, vão construindo relações com o mundo natural e cultural, relações com outras crianças e adultos, relações de conquistas e aprendizagens que são indissociáveis do seu corpo sensível-expressivo-cognitivo-afetivo em constante transformação e expansão. Assim, elas vão não apenas se apropriando da cultura local e global, como produzindo cultura.

VERSÃO PRELIMINAR

Essa idéia de criança, corpo, movimento e conhecimento que buscamos apresentar no parágrafo acima é recente entre nós professoras e mesmo nas pesquisas acadêmicas voltadas à educação das crianças (SAYÃO, 1999; SIMÃO, 2007). Em seu lugar aparecem concepções e práticas pedagógicas nas quais o trabalho com a dimensão corporal das crianças segue a inculcação de preceitos higienistas e de disciplinarização dos corpos infantis (SAYÃO, 2002), sendo ainda trabalhada como um recurso pedagógico, a fim de que as crianças alcancem o sucesso em outras áreas do conhecimento (CERISARA, 1999). Outra concepção limitada presente no percurso da educação infantil é a de que a dimensão corporal das crianças “pertenceria” apenas aos profissionais da Educação Física. Nesta perspectiva, muitos acreditam que deva haver um tempo cronometrado para que estes exercitem ludicamente os corpos infantis. Certamente os estudos do corpo e do movimento, da ludicidade, da expressão corporal entre outros, são centros de atenção e conhecimento da Educação Física, que pode contribuir de modo ímpar para a educação infantil, a

É claro que na relação com o outro, o limite é importante! É importante parar e escutar alguém falar. É preciso cuidado para não se machucar num pulo de um lugar alto. Se me embolo corporalmente com um(a) colega, tenho que ter cuidado para não machucá-lo(a). Enfim, **os limites podem [devem] ser construídos nos relacionamentos!** A necessidade do limite coloca-se no momento de cuidado comigo e com o outro. Mas, muitas vezes, na escola, os limites estão todos definidos de antemão pelos adultos: não pode correr, não pode pular, não pode falar alto. Assim, o corpo vai sendo calado, modelado e padronizado.
(LOPES; MENDES & FARIA, 2006, p. 43)

medida que ao articular dimensões como o corpo e o movimento à ludicidade, à interação, às demais linguagens e principalmente considerando às proposições das demais professoras, amplia as experiências das crianças. Dentre elas, estão a organização de espaços intencionalmente pensados para movimentos

como saltar, escalar, rastejar, dar cambalhotas, alongar, assim como ter acesso a jogos que exigem conhecimentos específicos que são domínio da área da educação física. Mas, cabe salientar que, de modo geral, o corpo e o movimento devem ser considerados em todos os planejamentos, já que estão presentes nas diferentes experiências das crianças.

Cerisara (1999, p.13) nos lembra que historicamente “as atividades ligadas ao corpo, à higiene, alimentação, sono das crianças eram desvalorizadas e diferenciadas das atividades consideradas pedagógicas, estas sim entendidas como sérias e merecedoras de atenção e valor”. E mesmo *a música, a dança, o teatro, as brincadeiras e jogos, as artes circenses e tantos outros temas da cultura*, aparecem inicialmente nos programas e propostas formais de educação da infância não como formas de fortalecer e expandir a expressão e a cultura das crianças, “mas como mais um instrumento de adequação a hábitos e comportamentos considerados necessários à educação das crianças” (LOPES; MENDES & FARIA, 2006, p. 14) ou como livre expressão, sem a necessidade de uma orientação pedagógica por parte das professoras. Embora muito se tenha discutido e escrito sobre a inadequação da proposição dessas experiências com objetivos como o controle e a disciplina, avançar na elaboração de práticas que as superem ainda se coloca como um desafio, possível de ser ressignificado. No entanto, para que essa ressignificação ocorra precisamos compreender o sentido elaborado pelas crianças em torno das experiências supracitadas e, fundamentalmente, ter claro os objetivos pedagógicos que orientam a proposição, algo possível mediante um processo de documentação comprometido e constante.



Que som é esse?

- Que som é esse que vem da praia? São as ondas do mar trazendo o navio que vai atracar!
- Que som é esse que vem de lá? É do bebê que faz buááá!
- Opâ, e que som é esse? É do lobo que vai te pegar!

Nosso mundo está repleto de sons e as crianças estão sempre prontas a descobrirem, reproduzirem e criarem outros sons, ruídos, barulhos, canções e músicas. Devemos lembrar que elas já começam a descobrir os sons dentro do útero materno e, desde que nascem, buscam explorar o próprio corpo e todos os objetos que emitem ou com os quais possam produzir sons.

Nesta direção, devemos lembrar de que o corpo em movimento “é parte inseparável da produção sonora” e os objetos e instrumentos que as crianças empregam na suas pesquisas sonoras são prolongamentos desse mesmo corpo (PIRES, 2006, p. 91). Outro aspecto fundamental é compreender que: apreender e produzir sonoridades e músicas requer um aprender-saber escutar. Escutar de corpo inteiro!

O som é uma onda invisível, e através da percepção tornamos esse invisível, visível, respeitando a medida do tempo no tempo da medida de suas direções. Sendo um fenômeno sonoro, a música só pode ser pensada construída, descoberta manipulada, refletida, representada, produzida, etc., com sons, pois ela é presença concreta e assim se realiza. Dessa forma, quero pontuar que a música não é abstrata, nem é pura descarga de emoções; ela é um objeto de conhecimento palpável que deve ser descoberto pelas crianças a partir do seu fazer musical. (LINO, 2001, p. 62)

Com os ouvidos nós escutamos
o silêncio do mundo.
E dentro do silêncio moram
todos os sons: canto, choro, riso, lamento.
(...)
Escutar é também um jeito de ver.
Quando nós escutamos,
imaginamos distâncias,
construímos histórias,
desvendamos nossas paisagens.
Os ouvidos têm raízes pelo corpo inteiro.
Bartolomeu Campos de Queirós

Mas que sons, que paisagens são estas que podemos escutar de corpo inteiro? Os sons que fazem parte e compõem o mundo, que permeiam os ambientes por onde transitamos, sejam os da natureza ou os produzidos pela humanidade vão instituindo e constituindo a história sonora de cada época, de cada cultura-construindo o que Schafer (1991) intitula de *paisagem sonora*. A paisagem sonora não é universal e idêntica para todos, mesmo para os que compartilham a mesma cultura, pois cada ser humano vai tecendo em suas relações, através do acesso ou não, um repertório próprio, composto por músicas e sons.

Os bebês desde cedo interagem intensamente com o ambiente sonoro que os envolvem, inclusive com a música. Uma interação que ultrapassa o exercício da escuta por si só, já que esta ocorre com todo o seu corpo e energia. Elas ouvem sentindo todo o corpo, toda sua pulsão, ao tocar, se mover, pular, dançar, - em atividades presentes na vida de quase todos os seres humanos, ainda que de maneira diferente, e de forma intensa na infância.

¹ QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. *Os cinco sentidos*. BH: Miguilim, 1999. Disponível em:
<http://www.redebrasil.tv.br/salto/boletins2001/ling/ling0.htm> Acessado em: 19/10/2009.

Segundo Pires (2006), o reconhecimento da música como uma linguagem pela criança inicia-se espontaneamente, quase de forma intuitiva, por meio do contato com toda a variedade de sons do cotidiano, incluindo aí a presença da música. Essa interação ocorre de maneira intensa com os bebês por intermédio de movimentos corporais diversos, por exemplo, com as palmas, tocando e experimentando os brinquedos sonoros que enfeitam o berço, com os pés que se agitam ao som de uma batucada, com caretas quando despertados por um ruído forte. São apreciadoras, mas não apenas na condição de ouvinte, pois elas também produzem os sons, ao experimentar a sonoridade do mundo que as rodeiam. Nesse sentido, observa-se que a musicalidade, o repertório sonoro não se restringe a música oralizada, mas está na presença de outros tipos de sons.

A produção sonora não se restringe à língua cantada; outras formas, como o choro, a risada, o balbúcio, os gritos, a experimentação com os sons do próprio corpo, são indícios da própria produção das crianças. Segundo Pires (2006), as crianças vivem de olhos e ouvidos atentos e manipulam, brincam, movimentam-se e fazem uso de objetos e brinquedos presentes no ambiente de forma não-silenciosa. A atenção para essa sonoridade do mundo e das próprias crianças faz parte de uma educação para escuta, possibilitando o exercício de ampliação desta capacidade humana na constituição de seu repertório sonoro musical.

Abre-te! Abre-te, ouvido, para os sons do mundo, abre-te ouvido, para os sons existentes, desaparecidos, imaginados, pensados, sonhados, fruídos! Abre-te para os sons originais, da Criação do mundo, do início de todas as eras... Para os sons rituais, para os sons míticos, místicos, mágicos. Encantados... Para os sons de hoje e de amanhã. Para os sons da terra, do ar e da água... Para os sons cósmicos, microcósmicos, macrocósmicos... Mas abre-te também para os sons de aqui e de agora, para os sons do cotidiano, da cidade, dos campos, das máquinas, dos animais, do corpo, da voz... Abre-te, ouvido, para os sons da vida...
Murray Schafer, 1991, p. 10.

Como podemos ajudar as crianças a perceberem o próprio corpo e o do Outro, os movimentos, o universo sonoro-musical, a escutarem de corpo inteiro? O que devemos contemplar em nosso planejamento e atuação com as crianças? Aqui, seguem algumas notas que na reflexão individual e coletiva podem ajudar

na construção de propostas pedagógicas, em especial, para os bebês. No entanto, nada impede que também nos auxiliem a pensar sobre o trabalho com as crianças maiores.

- ☐ Devemos estar atentos a linguagem corporal, aos movimentos dos bebês quando: os trocamos, damos banho, alimentamos, quando estão deitados – acordados ou dormindo – no berço, no colchão, na rede ou sobre o tapete embaixo da árvore;
- ☐ Devemos prestar atenção e podemos imitar de uma forma lúdica, sem ser pejorativa, os sons produzidos pelos bebês “enquanto fonte preciosa de comunicação e desenvolvimento da musicalidade” (LINO, 2001, p.72);
- ☐ Podemos cantar para e “com” os bebês, indicando ou auxiliando-os a seguirem o ritmo, o pulso e o estilo da música com movimentos corporais;
- ☐ Devemos oferecer um amplo leque de ritmos, sons e músicas para os bebês e não nos limitarmos aos denominados “CDs para bebês” e músicas clássicas na hora de dormir;
- ☐ Devemos cuidar do nosso tom de voz ao nos aproximarmos, conversar de pertinho e de longe com os pequeninhos;
- ☐ Devemos promover o contato dos bebês com um amplo ambiente social, promovendo a escuta do “silêncio”, de diferentes vozes, ruídos, músicas e sons da natureza;
- ☐ Possibilitar momentos tranquilos, seguros, acompanhados de uma adequada iluminação, ventilação e temperatura nos quais os bebês e as crianças bem pequenas recebem massagens e compartilhar estes momentos com as crianças maiores e com seus familiares
- ☐ Oferecer instrumentos musicais para as crianças explorarem e inventarem *usos não convencionais, cuidando sempre da higiene destes*, pois os bebês experimentam e descobrem também com a boca;
- ☐ Criar e instigar as brincadeiras cantadas para e entre os bebês e destes com as crianças maiores;
- ☐ As rodas cantadas, cantigas de ninar, acalantos devem fazer parte do cotidiano dos bebês na creche, sendo que devemos repetir a medida que percebemos o interesse das crianças, mas ao mesmo tempo estarmos sempre buscando ampliar este repertório;
- ☐ Os chocalhos, guizos, sinos, talheres, as bolas, tampas, copos etc. podem fazer parte dos objetos a serem explorados pelos pequeninhos com segurança;
- ☐ Rádios, televisores, aparelhos de som são ligados num volume adequado, saudável à percepção auditiva das crianças (sempre com uma intencionalidade pedagógica e de modo ponderado);
- ☐ Para as crianças com necessidades especiais, devemos organizar e acompanhar de forma sistemática propostas sonoras-musicais e corporais que atendam as particularidades de cada uma;

- ☑ Sempre que possível, devemos levar as crianças, incluindo os bebês, a apresentações de música dentro e fora da instituição;
- ☑ Podemos criar e\ou oferecer brinquedos e estruturas fixas e móveis que ajudem os bebês a explorar os sons, a expandirem os limites dos movimentos do corpo pelo espaço;
- ☑ Devemos promover, observar e incentivar os processos de construção de autonomia, de deslocamento das crianças no engatinhar e caminhar, na descoberta e conquista dos espaços e na produção de sons com o corpo e com objetos.



Vamo bater lata, assoviar e cantar?

- Batendo lata, batendo o pé... agora é na palma da mão! Bate forte, no pulsar do coração!
- E o enredo da minha, da tua, da nossa escola de samba?
- E a cantiga do boi?
- Que boi?
- Do boi de mamão, do boi da cara preta, do boi de Parentins!
- E aquela música que inventei?
- Ah, aquela eu cantei, cantei, rodopiei e reinventei!

As *crianças maiores*, como os bebês, não param! Estão sempre prontas a conhecer, descobrir e construir o universo sonoro-musical que as rodeia. Uma descoberta que igualmente não acontece separada dos movimentos, das sensações, dos afetos, da razão e da emoção! Assim, como podemos atuar de forma a *ampliar o repertório musical*

[...] não se trata de negar a entrada, na instituição educativa, de qualquer tipo de música trazida pelas crianças, porque seria como negar a história destas crianças. Porém, não é também seguir a moda, as determinações do mercado de bens simbólicos. É, no mínimo, questionar tudo que aí chega e questionar não significa proceder a uma análise, de uma forma racional, explicativa, didática, demonstrando por “a mais b” como se dá a dominação e a alienação. É possibilitar a coexistência dos mais variados tipos de música, de modo a provocar o encontro e o debate de significados e sentidos – do estranhamento às entranhas do novo. (OSTETTO, 2004, p. 58)

das crianças, a sua capacidade de expressão artístico-cultural na linguagem musical? Consideramos importante incentivar que as crianças descubram, localizem e busquem a origem de novos sons, ruídos, barulhos e vozes no contexto da instituição e fora dela. Buscando criar com elas formas de registro (plástico, em áudio e audiovisual) e classificação destas descobertas, esse processo exige pesquisa e uma mediação atenciosa das professoras. Podemos também organizar com elas – sempre que possível – discotecas, esculturas sonoras, cantinhos sonoros e caixas musicais (com instrumentos musicais, brinquedos sonoros, elementos da natureza como conchas, objetos de usos cotidiano etc.), sendo necessário reorganizá-los periodicamente e pensar junto às crianças formas de divulgação dessas descobertas para as demais crianças da instituição e as famílias.

Registrar as canções que as crianças cantam, inventam com ou sem a nossa intervenção direta é uma ação importante, para podermos avaliar estas produções com as crianças (ao menos com aquelas que se interessam por esse processo) e para termos a possibilidade de trocar estes registros com outros grupos de crianças, professoras, famílias e instituições. Pode-se disponibilizar instrumentos musicais e instigar todas as crianças a explorarem os mesmos de forma não convencional e convencional, assim como incentivá-las e auxiliá-las a acompanharem algumas canções, músicas com estes instrumentos. Não só os instrumentos musicais podem servir de base para as produções das crianças, instrumentos do cotidiano como: vassouras, baldes, panelas e tampas, copos com ou sem água, molhos de chaves, chaleiras, campainhas, sinos, latas, tonéis, toquinhos e bastões de madeiras (cabos de vassoura) etc. também podem ser disponibilizados.

A fim de que as crianças conheçam diferentes modos de interpretação oral, vocal e instrumental, dando subsídios para o seu imaginário é preciso oferecer e escutar com elas “contos musicados e\ou histórias narradas por profissionais do teatro e da música” (LINO, 2001, p. 80). Para ampliar os repertórios e conhecimentos das crianças em torno da música, podemos realizar os contos musicados, nos quais as crianças são convidadas a intervir improvisando sons de acordo com a situação narrada. Gravar estas propostas e escutá-las com as crianças permite desafiá-las a avaliarem suas produções e complexificá-las.

Ainda no sentido da ampliação do seu imaginário e repertório, podemos escutar e realizar pesquisas com as crianças sobre as músicas e danças de Florianópolis, da comunidade e promover o encontro das crianças e

suas famílias com músicos e cantores da comunidade, da cidade e de diferentes faixas etárias e gêneros musicais. Também devemos assegurar que os acalantos, as rodas e brincadeiras cantadas façam parte do nosso cotidiano com as crianças e entre elas.

Para que as crianças conheçam a grafia da música, livros com canções ilustradas e as suas próprias escritas musicais, torna-se importante deixar a sua disposição dicionários ilustrados, livros musicais e cartões musicais como também materiais visuais, em áudio e audiovisuais de grupos e artistas que trabalham com percussão sonora corporal ou “tiram” som de objetos do cotidiano.

É importante que nos certifiquemos da qualidade e da segurança de todos os materiais oferecidos para a exploração sonoro-musical das crianças, atendo-nos para o fato de não terem peças soltas ou danificadas, e principalmente não oferecerem riscos auditivos às crianças, algo possível, sobretudo, com a utilização de instrumentos e brinquedos sonoros eletrônicos.



Quem brinca, canta e dança seus males espanta!

Uma pulga na balanço

Uma pulga na balanço
Deu um pulo foi lá na França
Os cavalos a correr
As meninas a brincar
Vamos ver quem vai pegar.
Lydia Hortélio – Serrinha - BA

Quem não brincou quando criança de “A canoa virou”, “Samba Lelê”, “Lagarta Pintada” e tantas outras brincadeiras de roda ou brincadeiras musicais? Quantos encontros e desencontros, prazeres e desprazeres, sonhos e realidades vivemos quando, totalmente imersos nelas, brincávamos com as outras crianças?

Segundo Nogueira (2000, p. 5), “a brincadeira [de roda e musicais como as parlendas] longe da preocupação de *torná-la conteúdo pedagógico, o que ameaçaria seu caráter verdadeiramente lúdico*, pode ser fundamental numa concepção de educação infantil que tenha no brincar um de seus eixos norteadores”. Dentro desta perspectiva, sua presença e valorização nas instituições de educação infantil, segundo esta autora, deveriam sustentar-se no mínimo pelo “resgate de identidade cultural da criança e o estabelecimento de relações físicas e sociais pouco disponíveis para a criança do meio urbano”, além de serem e se constituírem na “manifestação da infância plena de significação” (*idem*).

As brincadeiras de roda, com suas características lúdicas e musicais, fazem parte do campo da cultura infantil e, de forma mais ampla, da cultura popular. Anônimas na sua autoria e transmitidas oralmente, podem ser deixadas de lado “por uma geração e reerguidas por outra, numa sucessão ininterrupta de movimento e de canto [...]. Passando de geração em geração, vai sofrendo variações e incorporações, o que não lhe retira nenhum valor; pelo contrário, isto só reforça o caráter dinâmico da cultura” (CASCUDO, 1972 *apud* NOGUEIRA, 2000, p. 4).

Para Hortélio, as *brincadeiras de roda existem para ser brincadas* “o que quer dizer, música com o corpo, que vive na inter-relação de palavra, música, movimento e o outro” (*apud* PIRES, 2006, p.91). Assim, a forma para garantir a construção da identidade das crianças, a edificação de relações físicas e sociais, a dinâmica transformadora das variações e incorporações nas brincadeiras de roda pelas crianças é, sem dúvida, *brincar de roda com elas!* E, se o *repertório delas ou mesmo o nosso é pequeno*, cabe a nós – como professoras - *expandi-lo* com as trocas de experiências com e entre as crianças, com outros profissionais, com a ajuda da comunidade, pesquisando nas universidades, internet, entrando em contato com pesquisadores etc.



“Bailam corujas e pirilampos / entre os sacis e as fadas²”

A dança, arte eminentemente corporal, é mais uma forma de construirmos o corpo e, portanto, de construirmos a cidadania que queremos. A partir das danças que dançamos introjetamos valores, atitudes e posturas diante dos outros e da vida.
(MARQUES, 2009, p. 35)

Quem já viu as crianças dançando entre os sacis e as fadas? Quem de nós já as convidou a bailar como e com as corujas e pirilampos? O espaço-tempo da música, do movimento e da *dança* na educação infantil, também deve ser o da *descoberta e revelação dos imaginários infantis, um processo criativo-lúdico* de percepção e exploração do corpo em movimento. E ainda, um modo de apropriar-se da cultura, fortalecer e expandir a cultura infantil construindo conhecimentos sobre si, o Outro e o mundo da dança. Nesta perspectiva, a dança também deve contribuir – juntamente com outras linguagens artístico-culturais – para a educação estética, ética e integral das crianças.

Para que a dança nas instituições de educação infantil contemple as indicações descritas no parágrafo anterior é indispensável que as propostas pedagógicas sejam consistentes e transformadoras nesta linguagem. Devem ser construídas buscando ir além das técnicas codificadas e das atividades espontâneas. Mas como construir, atuar nesta direção? Para Marques (2004, p. 36), seria indispensável começarmos conhecendo “os conceitos, os sonhos, o imaginário das crianças a respeito da arte da dança”. Ou seja, como as crianças definem dança? Dança para elas – assim como para muitos adultos - é sinônimo de coreografia? “Que mundo imaginário a dança traz para elas? Que visão os meninos têm da dança? Trazem preconceitos e/ou frases prontas do tipo “dança é coisa de mulher”? (*idem*) Elas gostam das danças da mídia, sabem

² Subtítulo composto por parte da letra da música “O Vira” – interpretado pelo grupo Secos & Molhados e composto por João Ricardo e Luli.

dançá-las? O que conhecem das danças contemporâneas, tradicionais, folclóricas presentes na Ilha, no Brasil e no mundo?

Refletindo sobre as colocações de Marques (2003), a consistência de nossas propostas não estaria em espaços-tempos nos quais solicitamos repetidamente que as crianças aprendam a gingar, remexer braços e pernas decorando coreografias das músicas, a fim de apresentá-las aos seus familiares e pares em dias de festa na creche. A dança entre as crianças deve ser uma forma delas descobrirem, (re)inventarem os prazeres e desprazeres, os gostos e desgostos, as tensões e relaxamentos, o equilíbrio, o peso e a leveza do corpo no espaço-tempo. De construírem relações com os sons, ritmos, músicas, objetos, imagens, palavras e narrativas que as rodeiam.

Neste contexto, também não podemos deixar de indagar sobre as relações e saberes das professoras para com a dança, atendo-nos principalmente aos conhecimentos que possuem, incluindo repertório vivencial, seja mediante experiência direta ou como espectador, e a compreensão da importância dessa linguagem da arte no cotidiano educativo de crianças. Para que nosso trabalho junto às crianças possa caminhar no sentido da proposição de experiências significativas envolvendo a dança, as propostas pedagógicas devem promover o alargamento das possibilidades de expressão e comunicação gestual das crianças, com as quais elas descubrem a si mesmas e o universo da dança de forma criadora e lúdica.

No âmbito da prática pedagógica direta com as crianças devemos possibilitar que experienciem a expressão da dança como um agente intencional de desenvolvimento físico, de crescimento psicológico, individualmente e coletivo, enquanto comunicação mobilizadora de afetividades, emoções e comportamento social. Para tal temos que ajudar as crianças a perceberem as distintas possibilidades, experimentarem e criarem movimentos, danças em espaços abertos e fechados, em declive ou planos, em meio à natureza, com seus brinquedos, cadeiras etc. Também devemos instigar as crianças a perceberem as formas que os corpos – ou partes deles - ocupam e podem criar no espaço e perceberem o espaço como um forte elemento gerador de dança.

Podemos ainda sugerir às crianças que brinquem com seus corpos e inventem suas danças a partir de suas histórias corporais (MARQUES, 2003, p. 38). Que percebam como é dançar lentamente escutando músicas rápidas, dançar rápido ao som de músicas lentas. Que lancem mão de adereços (chapéus, luvas, colares, saias, bengalas, etc.) e materiais não estruturados como tecidos, elásticos, fitas para que criem movimentos e danças com eles e mesmo que os empreguem em danças que já conheçam. Que observem objetos do cotidiano, seus movimentos – como o de carros, máquina de lavar roupas, esguichos, pessoas, batedeira e os refazerem com o corpo. Que dance em duplas, trios ou grupos maiores incluindo aquelas com necessidades especiais.

Enquanto professoras que respeitam o direito de participação de todas as crianças devemos buscar – com o auxílio de nossos colegas e *profissionais especializados* – sempre construir propostas e atividades de dança que atendam as particularidades e as possibilidades das crianças portadoras de necessidades especiais. Devemos também sempre ampliar as referências das crianças sobre as danças populares, contemporâneas, folclóricas, clássicas etc. do Brasil e do mundo com imagens, vídeos, ou – sempre que possível – levando-as a apreciarem apresentações ao vivo. Nestes vídeos podemos incluir apresentações, propostas de dança com crianças e adultos portadores de necessidades especiais.

O registro, tanto elaborado pelas professoras, quanto pelas crianças por meio de desenhos, fotografias e audiovisuais das danças reproduzidas ou criadas pelas crianças, permitem que tanto as crianças, quanto às famílias e as professoras conheçam, acompanhem e comuniquem as experiências vividas no âmbito dessa linguagem. O que permite que as crianças participem de modo mais informado e sistemático da construção e opinem sobre as atividades realizadas. Sendo também fundamental criar condições efetivas e diversificadas de participação das crianças nos processos de avaliação destas atividades.

Paninhos, tecidos, formas, jogos e brincadeiras: nasce uma dança

Assim é: Quando uma criança se depara com um tecido. Tudo pode acontecer.

Uma cabaninha.

Um pássaro.

Uma água viva

Um bicho esquisito de casca

Uma flor

Uma roupa no varal.

A sensação de leveza.

De peso

De espaço.

e continente.

Uxa Xavier³.

- Vamos dançar?

Batuque, Batucada

Samba de roda e

Umbigada!

Sapateado, Balé e Xaxado!

Coco,

Congo e Bailado!

Pau-de-fita,

Frevo e Chimarrita!

Bumba-meu-boi,

Baião,

Boi-de-mamão!

Maculelê,

Samba lê, lê

Olha o Iê ayê!



- Agora eu era herói!

- E eu... a moça do cowboy⁴!

³ Poema disponível em: <http://nadanca.blogspot.com/> Acessado em: 12/01/2010.

Imagens disponíveis em: <http://www.pmf.sc.gov.br/edmcostalagoa/projetos/boinei.html> Acessado: 12/04/2010.

⁴ Subtítulo inspirado na letra da música “João e Maria” de Chico Buarque e Sivuca.

A brincadeira tem um lugar na vida das crianças... que fazem que são heróis e heroínas, sereias e ladrão e policial, mamãe, papai e pescadores e marinheiros, bombeiros e bruxas e magos... seus cavalos falam, suas bonecos e bonecas ganham vida em suas mãos! Adoram encenar histórias de livros e aquelas que inventam! Ao mesmo tempo, ficam maravilhadas quando encenam para elas histórias como “Era uma vez...”, “Pedro e o Lobo”, “As aventuras da Bruxa Onilda”, “Pluft, o fantasminha” e tantas outras histórias de uma lista que parece não ter fim! Mas onde começa essa história?

O educador [...] deve dar especial atenção à observação, ponto de onde começa a educação, e a partir do qual, ele pode capturar o “*gesto infantil*”, percebido como sinal emitido da infância e que traduz esse mundo ao adulto, emitindo o revolucionário “*sinal secreto*” do vindouro. (SOUZA, 2006, p. 6)

importante de conta piradas, filhinho, astronautas,

vassouras voam, os

Bem, pode-se dizer que “essa história” tem seu início lá nas descobertas do corpo e do movimento. Começa lá nos *gestos infantis*, nas percepções e criações sonoras dos bebês, das suas interações lúdicas no espaço-tempo, nas relações construídas com adultos e outras crianças. Percorre a *imitação* de sons, movimentos, expressões e ações dos adultos realizadas pelos pequeninhos, também constituem os passos iniciais do aprendizado e desenvolvimento do brincar de faz-de-conta ou das brincadeiras simbólicas, do domínio da linguagem cênica. Um percurso *simultaneamente* cultural, sensível, lúdico, estético, cognitivo, afetivo e construído com o desenvolvimento e fortalecimento dos processos de *imaginação* e criação das crianças.

Mas haveria relação entre as brincadeiras de faz-de-conta e a linguagem do teatro? Segundo Santos (2001), a capacidade de representação dramática está presente tanto nas brincadeiras de faz-de-conta quanto num espetáculo teatral, assumindo diferentes formas. Esta capacidade “evidencia a tendência do ser humano para a representação, isto é, para agir de maneira fictícia, experimentando papéis e vivendo situações diferentes das da vida real” (*idem*, p. 97). E, “a ficção, a imaginação daquilo que ainda não é, mas poderia ser [ou daquilo que “ainda” não somos], consiste, pois, numa das mais eficazes ferramentas de que

dispõem a humanidade para a criação” (DUARTE Jr., 2001, p. 135). Entre as crianças, o encantamento, a espontaneidade e a improvisação do faz-de-conta vão aos poucos “virando” teatro, adquirindo novos significados que passam a ser intencionalmente compartilhados, comunicados para uma platéia (SANTOS, 2001, p. 97). E como acontece essa passagem? Como temos compreendido e construído propostas pedagógicas voltadas à linguagem teatral nas instituições de educação infantil?

De acordo com Santos (*idem*, p. 96), “as atividades teatrais planejadas no cotidiano da escola infantil, via de regra, dão prioridade à montagem de espetáculos de teatro, em detrimento da prática e da valorização de jogos que desenvolvam a expressividade dramática, a capacidade criativa e a interação social entre as crianças”. Esta prática é evidenciada nos chamados teatrinhos, montados e dirigidos pelos adultos – em especial, em alusão a datas comemorativas – e encenados pelas crianças, a fim de obterem aplausos e elogios por parte da platéia (*idem*, p. 95). Tal dinâmica está longe de ser um espaço-tempo no qual as crianças possam expandir e fortalecer sua imaginação individual e coletiva, ou mesmo um espaço-tempo de reconhecimento e a valorização do gesto infantil, da experiência estética e transformadora que a linguagem teatral possibilita!

Como podemos buscar a construção de uma prática pedagógica na linguagem do teatro que permita a criação de espaços de encontro, imaginação, participação, ludicidade, transformação individual e coletiva, expressão, apropriação e criação cultural? Como nos demais itens trabalhados neste documento, esperamos que as indicações que seguem, possam instigar a reflexão e o estudo, individual e coletivo, visando a construção de propostas artístico-pedagógicas na linguagem do teatro. Aliás, as indicações feitas ao longo dos núcleos de aprendizagem relativos às linguagens devem ser tomadas de modo complementar, afinal, quando as crianças brincam, desenham, esculpem, expandem o movimento, a percepção corporal e todas as demais linguagens, conhecendo a si e o universo da cultura e da natureza.

- ☛ Tomamos como primeiro indicativo relativamente à prática pedagógica envolvendo o teatro, a necessidade de observarmos, registrarmos, analisarmos e incentivarmos as crianças, desde bebês, a descobrirem os gestos, imitarem e criarem movimentos e sons de forma lúdica e expressiva.
- ☛ Podemos oferecer às crianças novas idéias para as brincadeiras de faz-de-conta como: - “Vamos brincar de safari, pescador em alto mar, viagem ao centro da terra”, assim como ricos contextos e cenários onde

estas possam acontecer e se expandir Podemos também incentivar meninos e meninas a descobrirem as nuances da voz, a cantarem sem palavras, e a cantarem, inventarem e encenarem suas próprias histórias, fatos do cotidiano. Podemos explorar com elas a comunicação somente através da expressão corporal. Disponibilizar imagens impressas de boa qualidade, nas quais seja possível visualizar atores em cena, as diferentes configurações arquitetônica dos teatros – nacionais e estrangeiros –, cenários, palcos etc.. Algo fundamental a formação cultural das crianças é proporcionar momentos para conhecerem os diversos teatros existentes em nossa cidade, oportunizando – sempre que possível – que brinquem, explorem o palco e outros lugares destes teatros e que assistam peças teatrais de diferentes gêneros, encenadas nos teatros, mas também nas praças e outros centros culturais.

- Podemos ainda convidar as famílias das crianças – e outros membros da comunidade – a participarem, construir e\ou encenarem pequenas peças teatrais para as crianças.
- As possibilidades de proposições em relação ao teatro são inúmeras como o de formas animadas – ou teatro de bonecos\fantoches, nos quais podemos incentivar as crianças a criarem seus próprios bonecos e explorar os modos de manipulação dos diferentes bonecos; o teatro de sombra, de vara e de máscara, com os quais temos que ter uma constante preocupação com a variedade e qualidade do material – por exemplo: das máscaras e figuras do teatro de sombra – oferecidos para as crianças brincarem, criarem com eles; assim como os musicais e dublagens. Nessas proposições, devemos selecionar ou criar histórias e encená-las com as crianças, inclusive de diferentes grupos? Oferecendo todas as condições para que elas assumam, além da representação, a direção da dramatização, a organização de cenários figurinos, sempre podendo contar com nosso auxílio, respeitando as possibilidades e os seus pontos de vista.



Construindo: o papel das professoras

“Senhores desta Casa,
licença que eu vou chegando, eu vou.”
(Loa de abertura da Folia de Reis/Domínio Público)

- Pesquisar *continuamente* e em diferentes fontes, buscando ampliar o seu próprio universo de conhecimento sobre a dança, a música e o teatro;

- ☐ Planejar e atuar *entre e com as crianças*, levando em consideração a descoberta e a experiência estética sonoro-musical e corporal dos meninos e meninas e demais profissionais que atuam na instituição e, sempre que possível, as famílias das crianças;
- ☐ Mapear e ampliar o repertório das crianças de forma contínua no campo da dança, teatro e música;
- ☐ Planejar proposições que ampliem as possibilidades de pesquisa na linguagem da música, dança e do teatro entre as crianças;
- ☐ Organizar bibliotecas, cantinhos da leitura e escrita que contemplem livros com conteúdos sobre dança, teatro e música;
- ☐ Construir uma discoteca com *diferentes gêneros musicais* – não somente aqueles que a indústria cultural classifica como infantis -, visando sempre à diversidade cultural;
- ☐ Organizar proposições de longo prazo que ajudem as crianças a brincarem, descobrirem e identificarem os conceitos básicos da linguagem musical;
- ☐ Promover experiências entre e com as crianças que as instiguem a construir composições sonoro-musicais empregando a voz e outros sons criados com o corpo, instrumentos musicais e objetos do cotidiano;
- ☐ Buscar construir uma videoteca – ou mesmo um arquivo no computador com vídeos disponíveis e selecionados da internet – com apresentações musicais, teatro e dança contemplando a diversidade cultural e a participação de adultos e crianças portadoras de necessidades especiais, a fim de subsidiarem a prática pedagógica e expandirem os conhecimentos e as experiências infantis;
- ☐ Organizar com colegas e familiares álbuns de imagens relativos à dança, música e teatro a fim de disponibilizá-los às crianças;
- ☐ Explorar e criar espaços-tempos diversificados e seguros que desafiem as crianças a explorar as linguagens corporais e sonoro-musicais;
- ☐ Promover e avaliar sistematicamente oficinas de criação de instrumentos musicais, adereços para teatro, fantoches buscando sempre a qualidade e a diversidade dos materiais oferecidos;
- ☐ Garantir entre as crianças maiores, *o aprendizado e a troca entre elas*, de técnicas que as possibilitem realizar movimentos e gestos com maior facilidade, produzirem sons com objetos e instrumentos musicais, confeccionar máscaras, fantoches e sua manipulação;
- ☐ Desafiar as crianças a saltar, entrar em túneis, labirintos, escalar, virar cambalhotas, assim como convidá-las a inventarem novos movimentos, a dançarem, fazerem caretas, brincarem com outras crianças;
- ☐ Planejar situações que envolvam o corpo e o movimento em parceria com as professoras e professores de educação física, sendo que esses profissionais devem propor experiências em que orientem os movimentos das crianças, incitem novos movimentos, possibilitem o acesso a novos

jogos e as regras específicas dos jogos, considerando todos os núcleos de ação que constituem o campo de atuação pedagógica na educação infantil;

- Encenar, dançar, cantar e tocar junto com as crianças e para elas;
- Fortalecer a identidade cultural das crianças incentivando o encontro destas com diferentes grupos folclóricos da Ilha, contadores de história, assim como o brincar de faz-de-conta com elementos da cultura da ilha: canoa, balaies, redes de pesca, rendas, tambores etc.



Oba, espaços de maravilhas, descobertas e criações!

Sejam quais forem os espaços da instituição, eles devem sempre promover encontros, imaginação, descobertas, trocas e a participação de todas as crianças e adultos de forma segura, saudável. Devemos percebê-los e organizá-los compreendendo-os como geradores e/ou limitadores de movimentos e expressões das crianças, das famílias e das professoras. Soma-se a esta perspectiva o fato de não podermos esquecer que todo espaço arquitetônico “ensina” crianças e adultos a como atuar no mundo (MARQUES, 2004, p. 37). Assim, em nossa prática pedagógica junto às crianças, *devemos sempre estar atentos à organização dos espaços e os modos como as crianças nele se movimentam, o que neles criam e comunicam.*

- Consideramos que os espaços da instituição devem respeitar e promover a descoberta do corpo, do movimento e da expressão dos bebês, assim como das crianças maiores de forma segura e saudável, que na organização dos espaços do berçário, devemos prestar atenção para a qualidade sonora ali existente, em diferentes momentos do cotidiano dos bebês.
- Sempre que possível devemos promover a participação das crianças na organização de espaços para a brincadeira de faz-de-conta e na definição da qualidade sonora dos espaços da instituição.
- É nosso papel ainda, surpreender as crianças organizando espaços repertórios sonoro-musicais ainda pouco conhecidos, explorados por elas; organizar espaços nos quais as crianças são desafiadas a experimentar a arte circense, buscando frequentemente ampliar as formas das meninas e meninos brincarem de circo mediante a distribuição de materiais circenses e o auxílio na sua utilização;

organizar diferentes espaços com espelhos, maquiagem e adereços – fantasias, colares, chapéus, sapatos etc. – para as crianças brincarem; colocarmos a disposição das crianças e as ajudarmos – sempre que necessário – a utilizar toca-discos, rádios, CDs e LPs, fita-cassete, gravadores de áudio, audiovisuais e microfones; promover *experiências lúdicas* que ajudem as crianças maiores se apropriarem dos *conceitos básicos da música*: som, silêncio, altura, intensidade, timbre, duração, ritmo, melodia, harmonia; dispor materiais não estruturados como tecidos, elásticos, fitas, cordas, arcos, que as permitam e incentivem criar cenários, danças e brincadeiras de faz-de-conta; deixar a disposição das crianças – no parque, nas salas, nos corredores – materiais e objetos com os quais elas possam criar instrumentos musicais ou descobrir os sons que emitem; organizar espaços para projeção – em diferentes dimensões – de pequenos vídeos e imagens mostrando a descoberta do movimento, sons e músicas pelas crianças, assim como de crianças de outras culturas, grupos profissionais etc.



“Pela estrada a fora”: o que não pode faltar no meio do caminho

Na aventura prazerosa e lúdica da descoberta das **linguagens corporais e sonoro-musicais**, nas quais as crianças criam e se expressam artisticamente, se apropriam e produzem uma cultura do corpo, do movimento e dos sons, não podemos esquecer de colocar na bagagem itens que possibilitem, instiguem e dêem suporte a esta aventura. Citamos aqui, apenas alguns destes itens que devem ser observados, analisados e discutidos pelo coletivo de profissionais, assim como com os demais profissionais da instituição e órgãos competentes. Temos certeza que nesta dinâmica a instituição e o poder público poderão *continuamente rever as necessidades e possibilidades de ampliação qualitativa da educação das crianças*. Desta forma, convidamos a “colocar na bagagem” os seguintes itens:

- ☉ Livros nacionais e estrangeiros, contemplando de forma ética a diversidade étnica, cultural, social e artística no campo das linguagens corporais e sonoro-musicais buscando, sempre que possível, incluir publicações em braile;
- ☉ Livros – não somente os ilustrados - sobre história da música, instrumentos musicais e músicos de todos os gêneros, culturas e épocas buscando, sempre que possível, incluir publicações em braile;
- ☉ Programas de apresentações de orquestras, bandas, grupos folclóricos, companhias de balé, dança de salão, dança contemporânea, sapateado, partituras, dicionários ilustrados de música etc. buscando, sempre que possível, incluir publicações em braile;

- Álbuns de imagens sobre: as *diferentes* formas de representação do corpo (e de partes dele) – de crianças, jovens, adultos e velhos - na arte (desenho, pintura, escultura, cinema, fotografia etc.), assim como imagens do corpo no esporte e em cenas do cotidiano sempre buscando englobar períodos artísticos diversos, artistas e culturas;
- Coleções literárias infantis sobre compositores e músicos – nacionais e estrangeiros -, livros sonoros;
- Instrumentos musicais diversificados - cordas, sopro, percussão e eletrônicos - adequados a todas as crianças da creche, de boa qualidade e em quantidade suficiente para o desenvolvimento do trabalho entre, ao menos, um grupo de crianças \ instrumentos musicais diversificados construídos com materiais recicláveis, observando sempre a qualidade e segurança que estes apresentam no manuseio por crianças e adultos;
- Materiais recicláveis que permitam a construção de instrumentos musicais pelas crianças e suas professoras: garrafas plásticas e caixas de papelão de diversos tamanhos e cores, tubos de plástico e papelão, latas, rolhas, fios e lãs, tampinhas, copos, peças ou partes de brinquedos, chaves, sinos, CDs, tampas de panela, tubos de PVC e conexões, botões, peças de cerâmica, madeiras - como cabos de vassoura, etc.;
- Objetos do cotidiano para a exploração sonora, assim como para a composição de cenários para o faz-de-conta como: vassouras, chaleiras, sapatos, talheres, baldes, bacias, tecidos coloridos de diferentes tamanhos e texturas, varetas de metal e madeira, campainhas;
- DVDs de desenhos e filmes, documentários de qualidade que contemplem diversidade cultural para diferentes faixas etárias, abordando a dança, o teatro e a música de forma plural e ética, de modo a ampliar os repertórios culturais e linguísticos das crianças (sendo que este acervo deve sempre ser visto e discutido cuidadosamente pelas professoras antes das crianças terem acesso dentro da instituição);
- CDs – e, quando possível em outras formas de registros como LPs – com repertórios infantis, assim músicas da nossa Ilha, indígenas, folclóricas, bossa nova, africanas, canto gregoriano, mantras, samba, jazz, sala, tango, música instrumental, música popular contemporânea, sons da natureza, ou seja, que visem a diversidade de gêneros, estilos, épocas e culturas, de modo a sempre ampliar os repertórios culturais e linguísticos das crianças de forma ética (este acervo deve sempre ser visto e discutido cuidadosamente pelas professoras antes das crianças terem acesso dentro da instituição);
- Condições adequadas para o deslocamento e transporte das crianças e professoras a apresentações e/ou visitas a ensaios de orquestras, bandas, grupos folclóricos, companhias de dança, eventos de teatro, dança, circo e música;
- Condições adequadas para o deslocamento e transporte das crianças e professoras para a participação em eventos e atividades como o FITA FLORIPA – Festival Internacional de Teatro de Animação, FLORIPA TEATRO – Festival Isnard Azevedo, Encontro de Bois de Mamão da Ilha, Mostra de dança infantil de Florianópolis, Palco Giratório Teatro – Dança do SESC e outros;

Equipamentos:

-  Aparelhos de som (para diferentes formatos de mídia);
-  Computadores (com leitores e registradores em diferentes formatos de mídia) em suportes que permitam, quando necessário, serem deslocados para diferentes ambientes da instituição / programas para criação e edição de imagens, assim como de áudio e vídeo/ Acesso a internet;
-  DVDs, TVs.
-  CDs e a aparelhos de som\ microfones;
-  Rádios;
-  Retroprojetores;
-  Máquina fotográfica;
-  DataShow;
-  Impressora;
-  Registradores de áudio e audiovisual;



Navegando pelas ondas da internet:

ABEM - Associação Brasileira de Educação Musical: <http://www.abemeducacaomusical.org.br> é uma entidade nacional, sem fins lucrativos, tem como intuito congregar profissionais e de organizar, sistematizar e sedimentar o pensamento crítico, a pesquisa e a atuação na área da educação musical. Neste site é possível obter notícias atuais sobre educação musical e acessar a revista da associação e baixar seus artigos.

CBTIJ - Centro Brasileiro de Teatro para a Infância e Juventude <http://www.cbtij.org.br/> criado em dezembro de 1995, por profissionais da área de teatro para crianças. Este site é um meio pelo qual o CBTIJ promove ações, divulga e difunde o do teatro. Nele temos acesso a artigos e reflexões sobre o teatro infantil.

Concerto para bebês: <http://www.concertosparabebes.com/#/PT/homepage/> site do grupo de artistas portugueses que desenvolvem o projeto Concerto para bebês. Nele é possível encontrar informações sobre o projeto, assistir alguns vídeos sobre as experiência musicais com bebês e conversar com o grupo através do Blog.

Lembramos que no Brasil, Karen Acioly escreveu a primeira ópera para bebês intitulada: *Bagunça, a ópera baby*, encenada em diversas capitais do país em 2003 e 2004, com partitura original de Roberto Bürgel.

Fundação Biblioteca Nacional – Música: <http://www.bn.br/fbn/musica>, a Fundação da Biblioteca Nacional dispõe parte do seu acervo sobre música e outros acervos sobre música online.

Hermeto Pascoal: <http://www.hermetopascoal.com.br/index.asp> conta a história desse músico brasileiro, também conhecido como “bruxo da música”, por criar sons e composições com os mais variados objetos do cotidiano, com o corpo e com a natureza, assim como com instrumentos musicais.

Lenga la lenga: <http://www.lengalalenga.com.br/> apresenta os trabalhos desenvolvidos pelo projeto de produção de material didático do Núcleo de Educação Musical, coordenado por Viviane Beineke e Sérgio Paulo Ribeiro de Freitas, que visa contribuir na formação de educadores musicais através da pesquisa e produção de materiais musicais para o público infanto-juvenil. Neste site você encontrará diversos links para sites com jogos e atividades musicais.

Missão de Pesquisas Folclóricas – Mário de Andrade: http://www.sescsp.org.br/sesc/hotsites/missao/apresenta_frameset.html. O interesse pela cultura nacional levou Mário a viajar ao Norte e Nordeste do país na década de 1920. Anotada no livro póstumo *Turista Aprendiz*, a aventura existencial e intelectual marcou sua trajetória como pesquisador de campo e o convenceu da necessidade de deslocar-se ao Brasil profundo, a lugares onde nossas tradições culturais ainda não teriam sucumbido ao peso da industrialização. Repetindo, em linhas gerais, o trajeto empreendido pelo escritor nessas viagens etnográficas, a Missão foi, sob muitos aspectos, a institucionalização de uma experiência pessoal. Ao trazer a público uma seleção dos registros fonográficos da Missão de Pesquisas Folclóricas, o objetivo da Secretaria Municipal de Cultura, em parceria com o SESC-SP, é reiterar a profunda dimensão desse acervo, parte fundamental da cultura material do povo brasileiro. Acervo em mp3.

Núcleo de educação musical (NEM) – UDESC: <http://pages.udesc.br/~c7apice/1024x768/home.php> site do programa do departamento de música da Universidade do Estado de Santa Catarina no qual são apresentados os movimentos, projetos e pesquisas deste Núcleo; links interessantes sobre música e infância; oferece ainda download de textos, dissertações, vídeos, MP3 etc;

Palavra Cantada: http://www.palavracantada.com.br/final/cds_detalhes.aspx?idCD=84 apresenta o trabalho do grupo e selo Palavra Cantada, “criado em 1994 por Sandra Peres e Paulo Tatit com o objetivo de produzir uma música infantil moderna que fosse ao mesmo tempo lúdica e poética”. Neste site é possível ouvir as canções de alguns de seus CDs, assim como obter letras e cifras.

Ainda há um mundo a ser descoberto-investigado sobre **dança, teatro, circo e música** na internet. Muitas vezes seus escritos, vídeos, fotografias não são adequados para o trabalho direto com as crianças, mas podem nos oferecer um rico material para ampliarmos nosso olhar sobre as linguagens aqui tratadas. Igualmente podem nos oferecer sugestões de como utilizar os materiais que dispomos, criar cenários etc.

VERSÃO PRELIMINAR